



designação:

Castelo de Crestuma

tipologia:

Castelo/Povoado/Necrópole/C
alçada

período histórico:

Romano/Idade Média

freguesia:

Crestuma

lugar:

Castelo

coord. geográficas(datum 73):

-31258.3704,155491.0721,0

altitude (m):

10-45

carta 1/25 000:

134

dispersão dos vestígios:

As áreas assinaladas são as de maior probabilidade de
ocorrência de vestígios.

código inventário arquitectura:

código nacional de sítio:

14200

classificação / protecção:

Inventariado

categoria de protecção proposta:

Zona Arqueológica Inventariada

situação e acessos:

À estação arqueológica acede-se pelo Cais junto ao rio Douro,
localizando-se no seu sopé Nascente o Clube Náutico de
Crestuma.

espólio:

Têm sido recolhidas - sobretudo fruto das destruições recentes -
significativas quantidades de cerâmica arqueológica.

local de depósito do espólio:

V. N. Gaia - Solar dos Condes de Resende/Particulares

trabalho realizado:

Visita

conservação:

Mau

uso do solo:

Urbano/Florestal

ameaças:

Construção/Florestação/Turismo

fontes:

SOUSA 1957; ALMEIDA, C. 1978; ALMEIDA, C. 1992;
GUIMARÃES 1993d; SILVA, A. M. 1994; COSTA, F. 2000b;
GUIMARÃES; GUIMARÃES, S. 2001

observações:

breve caracterização:

A designação "Castelo de Crestuma" deve ser aqui tomada mais no seu sentido toponímico que referida apenas ao "castelo" propriamente dito, que é apenas uma das realidades - e porventura até nem a mais importante - identificáveis neste importante sítio arqueológico. No topo de um destacado cabeço perto da foz do rio Uíma, dominante sobre um largo tramo do Douro, encontram-se vestígios - entalhes nas rochas e escassos fragmentos cerâmicos à superfície do solo - que diversos Autores têm relacionado com a possível existência de um pequeno castelo roqueiro medieval (ALMEIDA 1978; 1992; GUIMARÃES 1993d). No sopé do Castelo, as pequenas enseadas arenosas do Esteiro, a Nascente, e sobretudo a de Favais, a Poente, fornecem vestígios cerâmicos abundantes, designadamente fragmentos de tegula e louça doméstica que apontam para uma ocupação entre o período tardo-romano (sécs. IV-V) e a Alta Idade Média (VI-VII). Entre estas praias, a base do morro do Castelo evidencia não só o reaproveitamento de cantarias de granito (que não é local) nos muros de suporte em xisto, como também inúmeros vestígios de entalhes, fundações e buracos de poste e outros elementos, associados a cerâmicas antigas (GUIMARÃES 1993d). O morro do Castelo encontra-se separado de uma outra elevação a Sul, designada como Outeiro, por um expressivo fosso talhado na rocha, sendo a ligação entre as duas colinas assegurada por uma calçada de insuspeita antiguidade. Aliás, na colina do Outeiro detectam-se também restos cerâmicos que indiciam ocupação antiga, talvez romana. No sopé do Outeiro, junto à estrada, já Arlindo de SOUSA (1957) noticiara o aparecimento de vestígios de construções e de um ou dois locais com sepulturas, parecendo proveniente de um deles (no local onde hoje existe

uma pedreira desactivada) uma inscrição funerária romana datada de entre a 2ª metade do séc. I e a primeira metade do II (GUIMARÃES; GUIMARÃES, S. 2001). Para além destas evidências, importa recordar as referências documentais medievais à existência de um mosteiro em Crestuma, cuja localização se desconhece mas que assentaria bem, por hipótese, no Outeiro. Obras públicas e particulares recentes, ligadas com a instalação da rede de gás, a construção do edifício do Centro Náutico de Crestuma, a canalização de águas e a construção de uma ETAR perturbaram seriamente estes elementos arqueológicos, sobretudo as últimas, que revolveram a praia de Favais e uma parte do fosso do Castelo, destruindo vestígios e deixando à vista imensas quantidades de espólio arqueológico. Em síntese, o complexo arqueológico do Castelo de Crestuma, como talvez se devesse designar, envolve - utilizando-se a fotografia aérea legendada como apoio - (1) o morro do Castelo (ocupação tardo-romana ou alti-medieval), com o seu fosso defensivo (4); as enseadas arenosas do sopé: a praia do Esteiro (3) sobretudo a de Favais (2), com extraordinário volume de espólio (ocupação tardo-romana e alti-medieval), indiciando seguramente construções assoreadas ou sob a linha de água; a calçada antiga que liga o Castelo ao Outeiro (se não de ascendência romana, pelo menos de provável origem medieval); (5) o morro do Outeiro, com ocupação antiga indeterminada (mosteiro?, romana?); e (6) o sopé do Outeiro, junto à estrada, onde se detectaram sepulturas pertencendo a duas ou a uma grande necrópole (romana ou medieval).